
“Les amoureux des vents publics”: ambiências em um festival de fanfarras em Montpellier, na França¹

Danielle Marcia Hachmann de Lacerda da GAMA²
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ
Fabio LA ROCCA³
Université Paul-Valéry, Montpellier, França

RESUMO

Nesta comunicação refletimos sobre ambiências (Thibaud, 2013; Augoyard, 2008) agenciadas por intervenções musicais em espaços públicos da cidade de Montpellier, na França, a partir da observação participante em um festival de fanfarras. Como abordagem metodológica, apoiamos-nos em uma cartografia (Fernandes; Herschmann, 2015) baseada em errâncias urbanas (Careri, 2017), a fim de acompanhar os atores em suas práticas e incidências em configurações espaciais-afetivas da cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; ambiências; cartografia; artes de rua; fanfarras.

Esta comunicação parte de observações e reflexões realizadas no período de estágio doutoral em andamento na Université Paul-Valéry, no qual vimos acompanhando intervenções artísticas musicais em espaços públicos na cidade de Montpellier, na França. Consideramos que, ao colocar música, dança, poesia meio ao cotidiano, em momentos provisórios de “ser/estar-junto-com” (Maffesoli, 1988), tais práticas geram trocas comunicativas e simbólicas a partir do espaço em que ocorrem. Nesse quadro, interessa à investigação perceber aspectos que dão a ver tais intervenções com o objetivo de refletir sobre ambiências espaciais-afetivas da cidade.

Para tal, recorreremos à cartografia como abordagem metodológica que busca dar conta da natureza dinâmica dos corpos e espaços na urbe. Fernandes e Herschmann (2015, p. 297) consideram o ato de cartografar como “[...] conjunto de procedimentos de pesquisa por meio dos quais se busca contemplar e conferir destaque às diferentes narrativas presentes (considerando inclusive as fabulações que alimentam os imaginários locais)”, indicando-o como ferramenta relevante para investigações de dinâmicas sociais

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Tecnicidades e Culturas Urbanas, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda no PPGCOM/UERJ. Bolsista CAPES, em estágio de doutorado sanduíche na Université Paul-Valéry, Montpellier. Email: dani.dagama@hotmail.com.

³ Professor (Maître de Conférence) do Departamento de Sociologia da Université Paul-Valéry, Montpellier.

em contextos urbanos, que privilegiem processos comunicativos. Nessa direção, apoiamo-nos nas errâncias urbanas, conforme Careri (2017), como operadores práticos e reflexivos voltados à dimensão espacial e aos processos ligados às intervenções dos artistas na cidade.

Para o autor, a primeira ação à qual pode ser referido o nascimento da paisagem e das artes que se ocupam de sua transformação é algo que remete ao verbo alemão *spazieren*, que traduz como *espaciar* ou “produzir espaço caminhando” (Careri, 2017, p. 126). Trazemos tal noção em diálogo com a de Augoyard (2008, p. 26, tradução própria) ao discutir a imagem do vento, muito usada quando se fala de ambiências. O autor afirma que, mais que sobre o vento (“*le vent*”), se poderia dizer dos “ventosos” ou daquilo “que venta” (“*les venteux*”), entendido como “coalescência em movimento” entre um dado físico, nosso sentir em situação e o tipo de emoção encarnada nessa fusão – e que envolve a alteridade, seja em sua presença marcante ou sob a forma cultural. Nesse sentido, o autor propõe pensar uma “configuração ativa” das ambiências, retribuindo, entre outros aspectos, um “valor fundamental à temporalidade e ao ritmo” (Augoyard, 2008, p. 33, tradução própria). De forma análoga, afirma Thibaud que a posta em ambiência (“*mise em ambiance*”) supõe um conjunto de performances que atualizam recursos do ambiente, defendendo, portanto, que “uma ambiência não é somente sentida mas também produzida” (Thibaud, 2013, p. 7, tradução própria), destacando aí o elemento sonoro.

É nessa direção que refletimos aqui sobre ambiências agenciadas por intervenções musicais em espaços públicos da cidade como “espaciações”, pensando as incidências de seus atores no espaço, seus lugares e coisas, e nas emoções que se engajam na situação, partindo de observações e deambulações durante um evento de rua, o 27º Festival de Fanfarras de Montpellier. Interessante destacar que os instrumentos tocados nas fanfarras são de percussão e de sopro, em francês chamados *instruments à vent*. Assim, possivelmente fazendo referência a uma canção francesa interpretada por Georges Brassens⁴, o festival denomina seus entusiastas como *les amoureux des vents publics* – ou os amantes dos ventos públicos. No anúncio feito à véspera do evento no seu perfil do Instagram⁵ podia-se ler: “*Amoureux des vents publics, ça va souffler ce weekend.*” (em tradução livre, “amantes dos ventos públicos, eles soprarão neste fim de semana”).

⁴ Importante músico e compositor francês nascido na cidade de Sète, a cerca de 30 minutos de trem de Montpellier. A canção, lançada em 1953, se intitula *Les amoureux des bancs publics*, algo como os “enamorados dos bancos públicos”, ou seja, de bancos de praças ou jardins públicos.

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/festival.fanfars.montpellier/>.

Ao longo dos meses iniciais de estágio, foi possível observar que se destaca em Montpellier um uso vibrante da rua, ilustrado pela ocupação diuturna dos *terraces* de restaurantes, bares ou cafés (no Brasil, o que seria a extensão das cadeiras e mesas desses estabelecimentos às calçadas) e pela realização de festividades em parques públicos, como as *guinguettes* (festas animadas por música e venda de bebidas e alimentação). Ainda, o acontecimento comum de manifestações sócio-políticas diversas (as *manifs*) ou de grupos de crianças de escola sendo levados por seus tutores em derivas pela cidade (a pé ou nos transportes públicos) foram aspectos que nos fizeram notar um uso plural e intenso dos espaços públicos dessa urbe.

Nesse contexto, incluem-se cenários diversos de intervenções musicais, como o de artistas que tocam nas praças próximas aos bares e cafés mais movimentados, apresentando-se em troca de contribuições no “chapéu”; de coletivos artísticos que promovem reflexões e ações nos territórios, inclusive nos chamados bairros “desfavorecidos” (*défavorisés*); e de eventos promovidos por grupos culturais locais que incluem a deambulação festiva pelas ruas com instrumentos musicais, cartazes, fantasias ou danças. Um desses eventos é o Festival de Fanfarras, descrito em seu site⁶ como um evento de “partilha, musical e humana, oferecido à todos, na rua”. O festival é organizado por associações dos bairros (*quartiers*) de Beaux-Arts e Boutonnet, agrupadas no coletivo *L’Arc-en-ciel des Faubourgs*, já tendo recebido fanfarras de países das Américas e Europa e de diversas cidades francesas. O site informa que os grupos são selecionados a fim de diversificar origens geográficas e repertórios musicais.

Embora grande parte da festa ocorra no perímetro entre esses dois bairros (demandando o fechamento de cerca de 30 ruas), o evento envolve outras partes da cidade em sua noite de abertura, quando associações parceiras realizam eventos de recepção às fanfarras, trabalhando de forma gratuita. Do mesmo modo, os músicos das fanfarras deslocam-se e apresentam-se gratuitamente, recebendo hospedagem e alimentação. Em 2024, o festival contou com a participação de 21 fanfarras, em apresentações na sexta-feira à noite e ao longo de todo o sábado. Com este formato, como indicado no site do evento, o público – que chegou a cerca de 20.000 pessoas este ano – pode ser variado: “dos moradores que farão suas compras pela manhã, aos jovens que vêm festejar à noite, passando pelas famílias que assistem à apresentação da tarde” (tradução própria).

⁶ Informações obtidas no site do Festival: <https://festivalfanfares.fr/>.

Assim, saímos a campo na sexta ainda durante o dia, passando pelos locais onde se daria a festa, a fim de, como diz Thibaud (2013, p. 7, tradução própria), “escutar” sua ambiência “em construção” ou, em tradução livre, sua “ambiência em se fazendo” (no original, “*ambiance en train de se faire*”). Embora as ruas residenciais ainda estivessem calmas e vazias, elementos do mobiliário urbano eram usados para anunciar que ali em breve haveria uma festa: junto às placas de orientações costumeiras – pare, vire à esquerda, rua Lunaret – cartazes anunciavam o fechamento de ruas, enquanto postes, muros e cercas exibiam mapas e horários com as apresentações. Na sexta à noite fomos a um dos eventos de recepção, no bairro de Celleneuve (a cerca de meia hora em transporte público do bairro de Beaux-Arts). Lá pudemos ouvir de um senhor que estava próximo a nós que ele havia ido assistir ao festival, e que as fanfarras iam ali “deambular”.

Já no sábado pela manhã, voltando ao perímetro entre os bairros de Boutonnet e Beaux-Arts, derivamos pelas mesmas ruas do dia anterior, notando que agora passavam a contar, ao longo do dia, com decorações: desenhos pendurados em janelas e grades de casas ilustravam músicos e instrumentos de sopro; pequenas esculturas (como vasos de flor contendo notas musicais em plástico) e objetos coloridos (como boias de flamingos) enfeitavam fachadas e calçadas; varais atravessavam ruas com bandeirinhas e notas musicais. Pudemos ver mais de um carro sendo guinchado por estar estacionado na área fechada para a festa: a prioridade passava a ser sua ocupação pelos “fanfarrões”, nessa cidade sobreposta que ia surgindo às vistas dos passantes.

Até o meio-dia, uma “venda de garagem musical”, como dizia o anúncio do evento, acontecia em duas praças no perímetro da festa. Em outra, onde se daria a apresentação de todas as fanfarras às 16 horas, colaboradores do evento penduravam faixas, montavam palcos e o bar. Quando o público começou a chegar a essa praça principal, muitas pessoas foram sentando-se no chão, viradas para um dos palcos montados, a fim de esperar ou de assistir confortavelmente. No entanto, logo o apresentador lembrou-nos de que “não se assiste a uma fanfarra sentado” e todos foram se levantando, passando de uma disposição de espectadores à de foliões.

Logo que as apresentações começaram, em torno das 16 horas, a praça foi ficando muito cheia, como se o som dos sopros fizesse uma convocação. As performances musicais se davam em duas “cenas”, ou dois pequenos palcos, posicionados em laterais da praça. Assim, enquanto um grupo tocava aqui, outro já subia e se preparava ali, sendo que a cada nova apresentação devíamos nos virar para assistir. Cada fanfarra tocava cerca

de 4 músicas de seu repertório, para que o público pudesse escolher quais gostariam de acompanhar durante a noite festiva, que começaria às 19 horas e iria até a 1 hora da manhã, espalhando-se por todo o perímetro. Assim, quando as apresentações terminaram e se deu a dispersão, ao entardecer, as pessoas saíram animadas andando por todos os lados, algumas parando para conferir os mapas e programas fixados nos postes à procura das fanfarras que queriam acompanhar – em deambulações guiadas pelos sons e ritmos dos sopros e percussões.

Travando uma reflexão sobre as possibilidades de trocas e ocupações do espaço público em um festival de fanfarras que acontece no Brasil, o festival Honk! de Fanfarras, Moreaux (2019, p. 52) aponta, citando a fala de um músico por ele entrevistado, nomeado como C., que a performance musical de rua não se resume às ondas sonoras que chegam ao público, mas sim que “[...] envolve todas as experiências que constroem o show”. Assim, ao compreender esses gestos e movimentos nas ruas levados pelas sonoridades das fanfarras, como espaciações – baseando-nos em Careri (2017), como produções de espaço caminhando –, nos avizinhamos do que afirma Griffiero (2023) sobre o caminhar como parte do que gera a atmosfera de uma cidade, e ao qual “[...] se seguiria um processo, esperançosamente subversivo de apropriação topográfica” (Griffiero, 2023, p. 176). Nesse caso: movimentos como “fechar” e mapear ruas (fixando avisos no percurso, junto às placas de orientação), estender-lhes notas musicais (nas janelas, muros ou em varais) e deambular movidos pela música.

Mais além, pensando, nos termos de Augoyard (2008, p. 26) numa “coalescência”, ou seja, numa aderência dos diversos componentes – físicos, subjetivos, coletivos – à ambiência, podemos compreender tais gestos como estéticos, no sentido que dá Maffesoli (1995, p. 54) à estética como um processo amplo e de correspondência, que faz “de cada coisa um elemento necessário e reversível de uma globalidade ordenada”. Tal nos remete mesmo à noção de comunicação, fundamentada na perspectiva de Sodré (2014, p. 11), como um “tornar comum” que organiza “partes dispersas”. Assim, pela perspectiva de uma ambiência festiva que é experienciada, produzida e partilhada, somos tudo e todos *instruments à vent*.

Naquele sábado nossas observa es em campo se seguiram até cerca de 21 horas, horário em que o sol começava a se pôr, mas t rhamos uma notícia na terça-feira seguinte ao evento de que às cerca de 22:30 horas um grupo de homens encapuzados surgiu proferindo “injúrias e insultos de caráter racista” contra mulheres de uma das associa es

que trabalhavam na festa. O grupo teria ainda percorrido as ruas “causando problemas” e deixando um espectador ferido.⁷ A notícia nos fez pensar na ambiência da festa, que havíamos acompanhado “em se fazendo” ao longo do fim da semana, sendo alterada por esse incidente, ou melhor, incidência “contra festiva”, gerando, no mesmo espaço, medo e tensão. É preciso lembrar, afinal, que “ventosos” não são apenas os elementos que nos parecem favoráveis. Torna-se mais relevante, assim, pensar em como são agenciadas essas correntes e quais provocamos em nossas “espaciações”, presenças, gestos e trajetos – como na urbe efêmera animada por sopros que indicam caminhos mais plurais.

REFERÊNCIAS

AUGOYARD, Jean-François. Faire une ambiance ? Conférence inaugurale. **Faire une ambiance**: actes du colloque international, Grenoble, p. 17-35, set. 2008.

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. São Paulo: G. Gili, 2017.

FERNANDES, Cíntia S.; HERSCHMANN, Micael. Usos da cartografia nos estudos de comunicação e música. **Fronteiras**: estudos midiáticos, São Leopoldo, 17(3), p. 290-301, set./dez. 2015.

GRIFFERO, Tonino. “A ‘pele’ atmosférica da cidade”. Tradução: Ethel Pinheiro Santana. **Thésis**, 13, p. 173-190, out. 22.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MOREAUX, Michel. Performance e Música: Possibilidades de trocas afetivas e de ocupação do espaço público no festival ativista de fanfarras HONK! Rio 2018. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, 45, p. 43-60, jan./jun. 2019.

SODRÉ, Muniz. “A comunicação não é um sistema de linguagem, e sim um sistema de organização do comum”. [Entrevista concedida a] Coutinho, Eduardo *et al.* **Ecopós**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 1-12, 2014.

THIBAUD, Jean-Paul. Donner le ton aux territoires. In: COLON, Paul-Louis. **Ethnographier les sens**. Paris: Editions Petra, 2013. p. 235-255.

⁷ Comunicado disponível no site do evento.